

Homossexualidades masculinas em baterias de Escolas de Samba: sobre a relacionalidade das identidades

Lucas Ferreira Bilate (UFRJ)

Um homem que pega num chocalho não é homem. (Leandro¹, ritmista de chocalho, 20 anos).

Você quer saber por que mulheres tocam chocalho? Porque é mais leve, claro. Você já viu a força que tem que ter para se tocar um surdo? (Renatinho, ritmista de surdo, 19 anos).

RESUMO:

Este artigo explora as relações entre sexualidades, gêneros e instrumentos musicais nos ambientes de baterias de escolas de samba cariocas. Os modos pelos quais as homossexualidades masculinas são construídas nos levam a pensar as identidades sexuais como relacionais, contextuais e como partes de processos que incluem materialidades diversas.

Palavras-chave: Homossexualidade; Carnaval; Sexualidade; Antropologia Social.

ABSTRACT:

This article explores the relations between sexualities, genders and musical instruments in the environments of Rio's samba schools batteries. The ways in which male homosexualities are built lead us to think sexual identities as relational, contextual and as parts of processes that include several materiality.

Keywords: Homosexuality; carnival; sexuality; Social anthropology.

As frases citadas podem parecer mais uma daquelas sentenças largamente proferidas que ligam masculinidade/virilidade a (ou as afastam de) certos tipos de práticas, objetos, costumes, ambientes/ espaços, aparências e etc. No entanto, elas apontam para dimensões fundamentais da constituição/ construção das identidades sexuais e dos corpos. A intenção desse artigo é explorar os modos pelos quais as identidades sexuais são construídas em baterias de escolas de samba e entender como marcadores de diferenças estão implicados na produção discursivas das subjetividades. Mais especificamente, tentarei

¹Os nomes usados são fictícios.

trazer à reflexão a construção, concepção/percepção e experiência homossexual masculina nesses contextos retomando alguns aspectos levantados e explorados em minha dissertação de mestrado².

De um ponto de vista geral, o desafio ao qual tento me lançar é o da compreensão dos processos de construção dos sujeitos sob o foco das identidades sexuais, da sexualidade. A construção moderna da Pessoa dependeu da emergência da sexualidade como nova instância de verdade do sujeito, processo interpretado por Duarte (2004) como “desentranhamento”. Fundamentalmente, esta atitude de distanciamento faz com que possamos analisar os processos creditados a esta esfera da experiência como característicos e produtores dos sujeitos sociais, ou seja, retirando o caráter universal da sexualidade é possível entender como nos fazemos enquanto pessoas no processo de construção dessas experiências.

Também de um ponto de vista mais amplo, este empreendimento parte de uma compreensão particular do que deva ser o conhecimento a respeito das experiências humanas. Concordo com Elizabeth Grosz (2000) quando ela propõe que dualismos como mente/corpo sejam repensados. Recuperando a construção do campo analítico científico moderno essa autora definiu as produções teóricas feministas a partir de uma divisão entre perspectivas dualistas e monistas³. Basicamente essa divisão trata da compreensão seccionada ou não da experiência humana, sendo que, para uma perspectiva dualista, existiria a separação entre mente/corpo, ideias/realidade enquanto a partir do ponto de vista monista seria preciso compreender a propriedade indivisível da experiência. Do ponto de vista da construção dos corpos e identidades, deslocar o dualismo mente/corpo significa deslocar também aquele existente entre essência e construção social. Trata-se de compreender o corpo ou as identidades sexuais não como pontos de partida ou chegada das experiências, mas sim como processos. Somente com a compreensão de que não há “corpo” nem “identidade”, mas somente corpos e identidades, ou seja, não sendo possível compreendê-los enquanto entidades em si mesmos, mas somente enquanto relações, contextos e processos, será possível entender as contribuições que um estudo “dos corpos” ou “das identidades” pode trazer:

[...] é necessário avançar algum tipo de entendimento de uma subjetividade corporificada, de uma corporalidade psíquica. Precisamos de uma análise que recuse o reducionismo, resista ao dualismo e mantenha suspeição do holismo e da unidade implícita no monismo [...]. Os limites estreitos que nossa cultura impôs às maneiras de pensar a nossa materialidade implicam em que concepções inteiramente novas de corporalidade [...] precisam ser desenvolvidas, noções que vejam a materialidade humana como continuidade da matéria orgânica e inorgânica, mas também diferente de outras formas de matéria, que vejam a materialidade animada e a materialidade da linguagem numa interação, que tornem possível um materialismo além do fisicalismo [...]. (GROSZ, 2000, p.82)

²É importante dizer que minha dissertação e este artigo são baseados em etnografia realizada em Escolas de Samba cariocas.

³A divisão da autora nessas duas categorias obedece a fundamentos filosóficos de interpretação da experiência humana e especialmente do corpo. Decorrentes de Platão e Descartes, as noções dualistas enfatizam a separação entre mente/corpo enquanto as ideias decorrentes da tradição aportada por ela na filosofia de Espinosa compreendem o corpo como processo e tendo seus significados conferidos contextualmente.

Minha intenção é que esta reflexão traga discussões sobre os modos como as corporalidades e as identidades homossexuais são construídas em baterias de escolas de samba procurando ressaltar os marcadores que importam nesses processos. Ou seja, quero demonstrar que diferenças são relevantes para que os sujeitos *se façam/ sejam feitos* homossexuais nesses universos.

Quando iniciei a pesquisa em baterias já acumulava convivência entre ritmistas de escolas de samba, pois eu mesmo fazia parte de algumas baterias cariocas como ritmista de tamborim. Isso certamente enviou meu acesso a certos tipos de dados, situações e pessoas, mas também permitiu que eu participasse nesses universos a partir de uma posição especial. O tema da homossexualidade masculina surgiu mais concretamente para investigação quando, após iniciar um namoro com outro rapaz, fui a uma festa de amigos ritmistas da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro na quadra da escola. Ao beijá-lo na presença de muitos ritmistas estranhei a reação da maioria deles. Eu sabia que havia homossexuais nas baterias, tanto na Beija-Flor, quanto no Salgueiro ou em qualquer outra escola que havia frequentado até aquele momento. Lembro-me de não ter entendido a reação de alguns amigos que, chorando, diziam não acreditar que eu poderia ter beijado “outro homem”. Perguntei a alguns se não havia outros homossexuais na bateria e, recebendo respostas afirmativas, ouvi que, no entanto, eu era “uma surpresa”. Percebi depois que eu só poderia “ser uma surpresa” se alguma peça não se encaixasse, se algo não fizesse sentido.

Este desencaixe produtivo pode ser encarado como derivado de uma divergência entre o que era visto como um “homossexual típico” naquele contexto e a imagem que cultivavam a meu respeito. É preciso, no entanto, encarar o problema que o enunciado “homossexual típico” evoca. As identidades sexuais são, por certo, compartilhadas em algumas medidas e níveis, mas também são plurais, particulares, conjunturais e abertas. Isto significa dizer que a construção das identidades sexuais é permanente, relacional e, portanto, contextual. Mais do que isso, as identidades vêm sendo pensadas cada vez mais dentro da antropologia como afirmações de resposta política a determinadas conjunturas, articuladas a outras identidades em jogo (SIMÕES, 2004). Sendo assim, é preciso entender as possibilidades de “homossexualidades” e os jogos que, em cada contexto, constroem as identidades.

Para Judith Butler as identidades sexuais são relações coerentes entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Essas identidades seriam efeitos de práticas reguladoras (heterossexualidade compulsória). Sendo assim, o gênero enquanto matriz cultural exige que certas práticas, desejos e sexos não sejam possíveis, pois a inadequação entre termos do sistema gera impossibilidades lógicas e práticas de ajuste. De um ponto de vista cultural essa impossibilidade decorreria, portanto, do desencontro. Mas não só, pois do ponto de vista das relações de poder não há anterioridade ou exterioridade da sexualidade, ela seria formulada constantemente por e nessas práticas regulatórias que conectam sexo, gênero, desejo e prática sexual. Ou seja, esses “desajustes” seriam também, além de logicamente impossíveis, politicamente impraticáveis. “Gênero”, para Butler, aparece então como esse conjunto lógico e prático que conecta diversas instâncias e níveis da experiência que só é possível porque encenado e reforçado correntemente. A adequação produzida diariamente desde as “primeiras socializações” humanas é o trabalho de estabilização dessa matriz, do “gênero”:

Gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis

em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a ‘expressão’ ou ‘efeito’ de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual. (BUTLER, 2003, p. 38).

Justamente porque é reforçada constantemente e produzida pela conexão, a matriz está sempre aberta a questionamentos práticos e lógicos. É nesse sentido que a homossexualidade é vista por ela como possibilidade performática transgressora do ponto de vista culturalmente hegemônico. A inteligibilidade não pode ser compreendida, no entanto, como fechada, pois além de ser passível de contestação lógica/prática, ela é relacional, ou seja, dependerá sempre da adequação de arranjos e categorias variáveis. Para Butler, à margem da matriz inteligível estão “possibilidades impossíveis” (“sujeitos abjetos”) que iluminam as zonas da normatividade. Isto não significa, no entanto, que outras matrizes não sejam produzidas. Ao contrário, para ela, é no movimento e mudança da abjeção que podemos encontrar aspectos interessantes para a análise da normatividade (hegemônica-heterossexual ou não). Nessas “outras matrizes” a coerência será dada pelo arranjo de diferentes elementos, o que significa dizer que dentro de universos “homossexuais” haverá a produção de outras impossibilidades lógicas e a inteligibilidade se dará a partir da coerência de outros elementos. Essas outras subjetividades construirão suas inteligibilidades a partir da relação entre sexo, gênero, desejo e práticas sexuais na repetição estilizada de práticas corporais que gerem efeitos de materialização. Nesse sentido, diversas pesquisas recentes apontam para os deslocamentos e para produções de possibilidades particulares de inteligibilidade entre homossexuais em contextos urbanos⁴.

Minha análise não se centrará na construção das abjeções formuladas a partir da identidade sexual homossexual nesses contextos, mas tratará de perceber os marcadores sociais de diferença que importam para a construção discursiva dos sujeitos (enquanto homossexuais). Veremos como a homossexualidade pode ser erigida inteligivelmente a partir de parâmetros variáveis e como os diferentes contextos em uma bateria são pensados como produtores de percepções/ experiências sobre ela. A proposta desse artigo abarca, de certa forma, a consideração desses processos de produção de matrizes de inteligibilidade, mas, mais do que isso, é tarefa também perceber a interação de diversos marcadores na produção das identidades sexuais enquanto inteligíveis. Na esteira de recentes estudos antropológicos sobre as construções das diversas identidades sexuais, pretendo chamar a atenção para as *diferenças* que nestes universos são produtivas nos processos de construção das identidades homossexuais. Como aponta Braz (2009), recuperando premissas importantes do pensamento de inspiração antropológico-feminista, é preciso pensar a diferença como categoria analítica, ou seja, faz-se cada vez mais produtivo entender quais diferenças são importantes para a produção das subjetividades em cada contexto.

Uma série de recentes desenvolvimentos investigativos antropológicos tem gerado um largo e proveitoso material sobre as fronteiras entre o desejável e o indesejável para homossexuais em variados ambientes sociais. Pesquisas a respeito do chamado mercado das trocas eróticas são especialmente produtivas em fornecer matérias sobre esses “novos abjetos” criados a partir dessas inteligibilidades

⁴Trabalhos como Simões (2004); Lopes (2011); Braz (2007); Facchini (2009).

homossexuais⁵. Apesar da necessidade sempre inesgotável de se debruçar sobre essas investigações, o foco deste artigo está voltado para as diferentes formas como a homossexualidade masculina é construída nas baterias e para a compreensão dos elementos que fazem com que essas identidades sejam diferencialmente erigidas.

Em primeiro lugar chamarei a atenção para a construção particular das identidades em baterias de escolas de samba, um processo que relaciona corpos e instrumentos musicais. A partir desse movimento farei considerações a respeito das construções possíveis de identidades homossexuais nesses universos procurando entender que diferenças importam nos modos como os sujeitos constroem suas inteligibilidades. Veremos que a noção de que o ambiente das baterias é “machista” ou “conservador” implica numa construção específica da homossexualidade ao passo que a ideia de que alguns instrumentos são tocados por pessoas mais “liberais” mobiliza outras vias possíveis de construção da homossexualidade.

IDENTIDADE E INSTRUMENTOS MUSICAIS

As frases de abertura deste artigo trazem em si o ponto que pretendo explorar: a ligação entre a construção das identidades e os instrumentos musicais na produção da experiência e identidade homossexual masculina nas baterias. Fundamentalmente, há que se levar a sério a construção das identidades sexuais como performances e conjuntos relacionais. Isto inclui também a percepção de que os corpos imbricados nesse processo são sempre formados em “se fazer”, ou seja, estão sempre em construção e relação. É justamente porque estão em constante processo de relacionalidade produtiva que incluem uma gama variada de objetos e corpos geralmente pensados como “outros”. Dito de outra forma, precisamos entender o papel que os instrumentos têm na fabricação constante dos sujeitos e corpos nesses universos.

A bateria de uma escola de samba é um conjunto musical formado por diversos instrumentos. Há variações quanto aos tipos de instrumentos que as compõem, mas todas elas são formadas por surdos, caixas, tamborins, repiques e chocalhos. Algumas podem ainda conter agogôs, cuícas, frigideiras, timbales, liras, pandeiros, taróis, atabaques e outros. Todos os instrumentos, no entanto, devem ser de percussão; não são permitidos aqueles de cordas e sopro⁶. O número de ritmistas também varia de acordo com cada agremiação, mas há um mínimo estipulado pelo regulamento da Liga Independente das Escolas de Samba⁷ de duzentas pessoas.

Os instrumentos musicais são divididos em alas. Sendo assim, há a ala dos chocalhos, dos tamborins, das cuícas e por aí adiante. Os únicos instrumentos que não são agrupados em alas específicas são aqueles da parte chamada de “cozinha” (formada pelos surdos, repiques e caixas). Na parte da frente do conjunto ficam aqueles instrumentos ditos “leves” geralmente seguindo esta ordem: cuícas, agogôs, chocalhos e tamborins. O restante da bateria é formado pela “cozinha” composta pelos instrumentos

⁵França (2012), Oliveira (2009) Braz (2009), Facchini (2009) e Simões (2004).

⁶Os apitos dos diretores de bateria são permitidos e os instrumentos de corda (cavaquinho, violão e etc) podem vir conectados ao carro de som da escola, mas não na bateria.

⁷A LIESA (Liga Independente das Escolas de Samba) foi fundada em 1984 por presidentes das agremiações. O regulamento para o desfile está em: <http://liesa.globo.com/2013/por/03-carnaval13/regulamento/regulamento.htm> (Acesso em 15/01/2013).

vistos como “pesados”⁸. Em geral cada ala tem um diretor responsável, como a dos tamborins e chochinhos. Algumas não têm diretor (como a das cuícas) e outras têm vários (como a cozinha). Essa diferença se deve principalmente à quantidade de instrumentos que cada ala possui.

Uma das primeiras e talvez mais essenciais formas de classificação das pessoas nesses ambientes é a relação entre elas e o instrumento que tocam no conjunto musical. Esse modo de interação no qual o instrumento é importante para a construção de si extrapola os limites de uma bateria e funciona também quando um ritmista se apresenta a outro de outra escola. Mais do que isso, muito frequentemente a pessoa “vira” o instrumento. O uso de expressões como “sou tamborim da Estácio”, “sou agogô da Portela” e outras inúmeras variações é muito comum entre integrantes de bateria. Levando a sério o que dizem os ritmistas sobre si mesmos é possível entender o papel que os instrumentos parecem ter na construção desses sujeitos. Mais ainda, a aparente “confusão” entre instrumento e corpo/identidade/sujeito demonstrada nas expressões acima chama nossa atenção para o modo relacional e contextual de construção dos corpos.

A proposta de pensar corpos e objetos em relação para compreensão das corporalidades não é recente. De certo modo ela deriva de uma série de desenvolvimentos dos quais Foucault, Butler e Strathern fazem parte. Esses percursos foram brevemente analisados e sistematizados por Elizabeth Grosz. Ao se colocar frente ao que chama de “ruínas circulares do debate contemporâneo”, Butler (2003) tece críticas às discussões em torno de questões de gênero ressaltando problemas na ideia de construção sobre a qual, segundo ela, o gênero era entendido:

Em algumas explicações, a ideia de que o gênero é construído sugere certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. [...] Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino. (BUTLER, 2003, p.26).

A noção de performance é crucial porque, ao pensar gênero como ato e fabricação performáticos, Butler abre espaço para as relações que estabelecemos com corpos entre si e com corpos e outros objetos (justamente formando corporalidades nas quais não se pode separar analiticamente o corpo do objeto). Fazer-se mulher e fazer-se homem, no sentido da atenção dada por Butler, passa a incorporar (literalmente) outros corpos, relações, e conexões.

O caso de Herculine Barbin (“hermafrodita” do séc. XIX) analisado por Foucault e retomado por ela é interessante para perceber como o olhar da autora enfatiza precisamente a construção do corpo ajustado ou desajustado ligada às relações que o conformam. Isto é, aquele corpo não era um efeito material do gênero e sim uma construção relacional permanente, inteligível e ininteligível de acordo com as relações com as quais se estabelecia. Sendo assim, os próprios corpos não seriam mais vistos como matérias pré-existentes à construção cultural.

Outra proposta possível para pensar uma mudança no estatuto da materialidade nos estudos de gênero é a de Marilyn Strathern presente em *O Gênero da Dádiva* (1988). A autora leva em conta o

⁸A divisão entre “leves” e “pesados” é relacionada aos tipos de sons emitidos pelos instrumentos. Aqueles ditos “leves” são agudos enquanto os graves são chamados de “pesados”.

feminismo e a etnografia melanésia como campos nos quais se coloca para construir seu experimento que, de uma maneira geral, é produzido nesse encontro entre contextos para ressaltar diferenças. Ela nos oferece um panorama a partir do qual o gênero pode ser pensado enquanto *relação*. Sobre este plano, poderíamos dizer que *O Gênero da Dádiva e Problemas de Gênero* parecem estar em concordância porque, em ambos, as autoras apontam para a construção dos gêneros como permanente, atualizada, contextual e, portanto, relacional

A atenção ao circuito de dádivas nesse empreendimento não é fortuita, pois canaliza a compreensão de que corpos, gêneros, objetos e pessoas são construídos em relação uns com os outros. O ganho teórico e prático neste sentido é grande, pois diferentes ações e agentes são incluídos nesse processo e o gênero pode ser entendido de maneira irrestrita. Um bom exemplo do uso desse referencial analítico é o da construção das masculinidades e feminilidades no circuito da dádiva dos porcos entre os melanésios. Resumidamente, os porcos na troca são possibilidades de construção da masculinidade (porcos trocados por homens “fazem homens” “mais homens”) e da feminilidade (porcos são criados por mulheres e quanto mais bem criados “fazem mulheres” “mais mulheres”). Este exemplo demonstra como os circuitos, gêneros, corpos e pessoas são compreendidos por ela como construções relacionais e contextuais. Como não dizer, neste contexto, que, de certo modo, porcos criados *são* os corpos femininos e porcos trocados *são* os corpos masculinos? E mais, como não entender a dádiva como um processo de construção de gênero, ou ainda, como não alargar nossa compreensão de gênero para terrenos impensados? Ela diria, acredito, que não só a dádiva é gênero, mas toda dimensão da nossa experiência é também de gênero. Um dos problemas de gênero (e aqui acredito que Butler e Strathern estariam em pleno acordo) e uma das suas fascinantes qualidades é que, portanto, ele não está aqui ou acolá, impresso em sujeitos (como nas mulheres de Beauvoir que não nascem, mas *se tornam*), mas é um complexo relacional em constante construção (e conseqüentemente em permanente risco).

Mas, não só autoras como Butler e Strathern levaram a cabo a proposta analítica de compreensão conjuntural e relacional das corporalidades. Um exemplo desses desenvolvimentos pode ser encontrado através de Anne Fausto-Sterling em *Dualismos em Duelo* (2001). Neste artigo ela percorre a construção de pares de conceitos fundamentais como sexo/gênero e real/construído para demonstrar como os discursos sobre as materialidades *conformam* corpos. A controvérsia em torno da atleta espanhola Maria Patiño durante as olimpíadas de 1988 é usada como trampolim para tecer considerações a respeito desse processo contínuo de construção do corpo material. O exame das células da atleta que “revelaram” sua masculinidade cromossômica impõe àquele tempo uma questão: o que Maria era “de verdade”, homem ou mulher? A concorrência dos discursos em torno do sexo da atleta permite que a autora examine com cuidado as diversas ordens de relações que compunham aquele corpo. Sendo assim, corpo feminino ou masculino de Patiño não poderia ser analisado separadamente das células, dos cromossomos ou de sua performance, todas eram ordens possíveis de materialidades que estavam em disputa para construir a veracidade dele.

Outro exemplo produtivo de como diversas ordens de materialidades são usadas nas construções dos corpos e gêneros pode ser visto na etnografia de Maria Elvira Díaz-Benítez em *Nas Redes do Sexo* (2010). Ela propõe que a pornografia seja compreendida como produtora de “hipergêneros” sugerindo que através de uma estética do espetacular, o pornô seria construído a partir da combinação entre *exagero* e *realismo*. A autora ressalta, por exemplo, como na preparação de uma filmagem, alguns elementos são fundamentais para a construção dos hipergêneros em cena. No caso feminino fica evidente a utilização

de outras materialidades nesse processo de filmagem. O uso de sapatos de saltos altos, meias-calças e unhas longas contribuem para a transformação da atriz na personagem e para a construção em cena da mulher “hiperfeminina”. A partir do olhar atento de Díaz-Benítez, como não compreender que nestes processos os objetos *são* os corpos? Além disso, ordens diferentes de matérias e corpos constroem os gêneros em cenas pornô. A autora não só chama a atenção para os objetos usados para fazer corpos hiperfemininos e hipermasculinos, mas também ressalta a importância de se perceber os tipos de matérias e/ou substâncias que *fazem* gênero⁹.

Muitas outras etnografias dão conta ou lidam de alguma forma com a constituição relacional e conjuntural das corporalidades nos mais variados contextos¹⁰. O importante é perceber como nas baterias de escolas de samba os sujeitos são constituídos no que se refere às suas identidades sexuais a partir também (mas não só) de seus corpos e como estas corporalidades se relacionam com os objetos, matérias e outros corpos em ação. Para isso é fundamental que se compreenda os corpos e as identidades como processos relacionais e não como entes anteriores ou posteriores à própria constituição do sujeito. Veremos como essa construção relacional dos sujeitos e instrumentos é fundamental para a compreensão que eles próprios cultivam a respeito dos contextos de interação nos quais se inserem. Ou seja, uma importante diferença entre os sujeitos nesses contextos está atrelada aos instrumentos musicais e estas diferenças são evocadas nas construções de diferentes homossexualidades.

CORPOS, IDENTIDADE SEXUAL E INSTRUMENTOS

A maioria no chocalho é gay... é um instrumento muito feminino. [...] Pra você tocar o chocalho tem aquele movimento de desmunhecar que é, assim, o movimento da punheta. É isso. Tem coisas que são subliminares. Muitas pessoas não vão falar isso, mas no inconsciente é verdade. (Mateus, ritmista de chocalho).

Partindo da compreensão de que as corporalidades são conformadas contextualmente incluindo os instrumentos musicais nesses universos é preciso entender agora como esses corpos-relações-instrumentos se relacionam com as identidades sexuais e, mais especificamente com a homossexualidade masculina. Como dito acima, as identidades sexuais “alternativas” ou “ininteligíveis” do ponto de vista hegemônico são construídas delineando outros limites internos de inteligibilidade. Parâmetros próprios e valores quanto ao que é desejável ou não, são erigidos e reforçados para conferir lógica e prática a essas identidades. Levando em conta a construção das subjetividades a partir das relações entre sexo, gênero,

⁹Há uma primorosa observação quanto ao caráter feminilizante do sêmen masculino na pornografia. Os corpos sobre os quais recai ou é depositado o sêmen são feminilizados. E na pornografia brasileira estudada pela antropóloga, estes corpos femininos são invariavelmente os receptores sexuais (sejam eles mulheres, homens homossexuais, travestis ou quaisquer outros).

¹⁰Piscitelli (2007), por exemplo, enfatiza os deslocamentos espaciais e de sentido daqueles corpos que os reinserem noutros campos relacionais nos quais outras corporalidades são construídas. O aparato imagético cultural das nacionalidades faz parte da composição daqueles corpos e, neste sentido, os corpos das brasileiras só podem ser entendidos na sua composição relacional, ou seja, junto com os corpos das africanas, das outras latino-americanas e etc.; Ver em Kulick (2008) também como o corpo travesti era construído nesse processo contextual e performático no qual estavam inseridos objetos (como o silicone, e os hormônios) e relações (com os homens, com mulheres “de verdade” e com outras travestis).

desejo e prática sexual, como seria a combinação desses marcadores nesses ambientes? Ou ainda, como “se constrói” a homossexualidade masculina em baterias de escola de samba?

O primeiro fator para o qual poderíamos chamar atenção é a intrínseca relação entre identidade sexual e instrumento musical. A fala de Mateus citada acima aponta para o caráter visto como inseparável (e aqui o estatuto do “subliminar”/“inconsciente” evocado por ele reforça esta ideia) da relação entre a homossexualidade e o chocalho. Essa relação é percebida como construída a partir da ideia de corporalidade. O corpo do homossexual é, então, predominantemente percebido pelos integrantes de baterias como “mais adequado” ao movimento visto como necessário para a performance do instrumento chocalho. Sendo assim, seria produzida uma relação coerente entre identidade sexual, corpo e desejo.

O corpo dos sujeitos percebidos entre os ritmistas de chocalho como homossexuais masculinos é colocado na sentença de Mateus como propício ao instrumento visto como feminino e, portanto, em relação com o corpo feminino. Fundamentalmente, a produção das corporalidades masculinas em baterias está vinculada a um status “superior”, à “força” e “virilidade”. Os instrumentos de timbre grave (chamados de “pesados”) são vistos como essencialmente masculinos, e relacionados à força que requerem para ser tocados e à importância que têm no conjunto musical. A fabricação dos corpos dos homens “de verdade” está relacionada à força vista como necessária para desempenhar as performances musicais dos instrumentos. Dizer que um homem “de verdade” não “pega num chocalho”, como fez Leandro, é demonstrar a conexão entre masculinidade/virilidade e determinados instrumentos.

Os corpos femininos, por sua vez, são construídos de maneira geral pelos ritmistas como frágeis e fracos ou menos habilidosos e por isso menos confiáveis para realizar o desempenho dos instrumentos tidos como mais importantes¹¹. Respostas como as de Renatinho (19 anos, ritmista de surdo) evidenciam essa compreensão do corpo feminino como frágil: “O repique é até mais leve, mas tem que ter muito mais resistência... você toca o tempo inteiro. No chocalho elas param. Chocalho é leve, por isso elas tocam”. A percepção de que o corpo feminino seja menos habilidoso ou mais frágil se relaciona com os diferentes status dos instrumentos musicais, pois, como diz Renato (ritmista de chocalho): “É um instrumento pouco valorizado. [...] Então, é aquela coisa, o que eu tenho para você, minha filha, é isso aqui, entendeu? O espaço que eu te dou dentro da bateria é esse aqui, é o chocalho”. Portanto, as corporalidades masculinas e femininas estão também relacionadas a diferenças de importância percebidas entre os instrumentos do conjunto da bateria. Sendo assim, as identidades sexuais são erigidas relacionando corporalidades e hierarquias.

Muito embora alguns instrumentos sejam vistos como marcados/marcadores de gênero, ou seja, envolvidos diretamente na construção das corporalidades e identidades de gênero, nem todos se prestam a esse papel. O tamborim, por exemplo, em geral é visto como um ‘instrumento democrático’, como disse Fernando, ele “[...] é a democracia da bateria” e, portanto, não é visto como portador dessa possibilidade de agência de gênero. Continuando suas considerações sobre a ala de tamborins, Fernando diz: “Tamborim se entra um viado ninguém vai falar nada, se entra um homem ninguém vai falar nada.

¹¹É importante ressaltar que nem todos os integrantes de baterias formulam os processos de construções corporais nesses termos. Em primeiro lugar, a ideia de que corpos são constantemente produzidos não é dita mas fortemente praticada. Em segundo lugar, diferentes sujeitos podem ter perspectivas divergentes em relação a construção dos “corpos femininos” como frágeis e menos adequados à performance dos instrumentos percebidos como mais importantes. Esta é uma leitura abrangente compartilhada com maiores ou menores tensões pelo conjunto dos ritmistas, uma “visão geral”, por assim dizer. Rapazes que se diziam homossexuais ritmistas de chocalho, por exemplo, podem positivar essa “fragilidade” e “menor importância” do chocalho em termos de uma invisibilidade desejável.

No chocalho se entra um homem já vai falar que é viado”. Outros instrumentos, como a cuíca e o agogô também são pensados como ‘neutros’ nesses processos. Essa percepção por parte dos homossexuais com os quais manteve contato demonstra a relação entre instrumentos musicais e visões de mundo mais ou menos “conservadoras”, relação esta que baliza as construções contextuais das identidades homossexuais nesses universos.

Os corpos ininteligíveis ou indesejáveis do ponto de vista hegemônico são construídos em relação com os chocalhos como frágeis, pouco hábeis e menos importantes¹². Essa menor habilidade é percebida pelos homossexuais como um fator positivo desse corpo-status inferior. Para eles, esse lugar hierárquico inferior do chocalho é encarado como positivo, pois ali passariam despercebidos, seriam “invisíveis” e não se arriscariam num meio percebido como “machista”, “conservador” e “homofóbico”. Mateus exemplifica este ponto de vista:

A pessoa que é gay quer entrar na bateria, mas não quer deixar de ser gay, ele não vai deixar de ser gay. Mas ela vai entrar como que numa parede, se for pra ser invisível ela vai ser. Isso porque ela não quer sofrer nenhum tipo de preconceito ali. Imagina você sendo chamado à atenção na frente de todo mundo igual acontece em muitos instrumentos. Como na caixa, se você errar, imagina o Nelson falando ‘ô, viado... porra!’. Imagina! (Mateus, ritmista de chocalho).

O fato de tocarem um instrumento visto como menos importante é percebido como positivo por garantir que não sejam hostilizados nas baterias. Esse lugar do corpo feminino frágil e menos importante é visto como possibilidade lógica e política para o corpo homossexual. Ao perguntar sobre os motivos que levaram cada um a tocar chocalhos em escolas de samba ouvi respostas diferentes, mas todos enfatizavam a existência desse ambiente mais favorável à presença de homossexuais. Sendo assim, é possível dizer que o processo de construção desses corpos os conecta em alguns sentidos. Os corpos-instrumentos mais valorizados são os dos homens vistos como viris e fortes enquanto os corpos-instrumentos menos desejáveis são elaborados em termos de fragilidade e inferioridade. A interpretação desses homossexuais sobre o ambiente das baterias enfatiza a relação entre os homossexuais masculinos e as mulheres.

A relação entre homossexualidade masculina e gênero feminino é recorrente entre os ritmistas tanto no convívio em baterias quanto a partir de respostas em entrevistas. Explorada por Peter Fry a partir de pesquisas realizadas entre as décadas de 1970 e 1980 ela é partícipe do que cuidadosamente foi caracterizado pelo autor como um modelo hierárquico de concepção da homossexualidade masculina no Brasil. Fry (1982) defende a coexistência de dois modelos, um chamado de hierárquico e outro de igualitário nos modos de perceber as identidades sexuais no país. O primeiro deles enfatiza a hierarquia na medida em que reproduz (em transformação) a diferença de gêneros existente nas relações heterossexuais e o segundo prioriza a igualdade concebendo a relação entre semelhantes em detrimento da

¹²Há que se chamar a atenção para a especificidade do ponto ao qual me dedico. Outras corporalidades não construídas necessariamente sobre a linguagem de gênero também são percebidas como frágeis ou menos capazes de tocar os instrumentos mais valorizados. A ala de cuícas, por exemplo, é constituída geralmente por ritmistas de idade mais avançada e é vista como “A velha-guarda da bateria”, como explica Mateus. É possível focalizar então marcadores geracionais de diferença na construção dos corpos em baterias.

relação entre diferentes. Dessa forma, no modelo hierárquico permaneceria a distinção entre ativos e passivos e gêneros masculino e feminino (sendo o “homem” ou “bofe” o ativo/masculino e a “bicha” o passivo/ feminino) e no modelo igualitário os “entendidos” desempenhariam papéis ativos e passivos e gêneros masculino e feminino.

A existência e pertinência desses dois tipos podem ser experimentadas no convívio com homossexuais de uma bateria de escola de samba. A distinção feita entre “homens” e “bichas” é altamente produtiva nesse universo, mas não sem ressalvas. Tal como Fry postulou em relação ao que chama de “mundo masculino de Belém”, há uma divisão em duas categorias: os que “dão” e os que “comem”. Em seu artigo sobre homossexualidade e cultos afro-brasileiros, o antropólogo explora o modelo de homossexualidade masculina compartilhado pelos atores daqueles cenários sociais. A passividade no ato sexual dividiria aqueles que dão daqueles que comem e marca a diferença entre bichas e homens. Como enfatiza em outro artigo na mesma coletânea: “Nesse sistema, os machos [...] são concebidos como pertencendo a duas categorias fundamentais, ‘homens’ e ‘bichas’. [...] Enquanto o ‘homem’ deveria se comportar de uma maneira ‘masculina’, a ‘bicha’ tende a reproduzir comportamentos geralmente associados ao papel de gênero (*gender role*) feminino. No ato sexual o ‘homem’ penetra enquanto a ‘bicha’ é penetrada” (p. 90)¹³.

É importante perceber, no entanto, que a modelização não descarta a captura e compreensão da pluralidade. Carrara & Simões (2007), Braz (2009) e Fachinni (2009) chamam a atenção para a preocupação constante em estudos pioneiros como os de Fry e Carmen Dora Guimarães em perceber a coexistência e disputa de vários sistemas de classificação sobre a homossexualidade no país. A percepção de que diversos marcadores de diferença estariam imbricados nos processos de construção das identidades sexuais está afinada aos desenvolvimentos posteriores a respeito de uma abordagem integrada para a compreensão desses processos. Sendo assim, a existência e ativação desses modelos de homossexualidade podem ser vistas como contextuais e relacionais e, neste sentido, faz-se necessário pensar como as conexões entre sexo, gênero, desejo e práticas sexuais são enredadas a partir de quais parâmetros e construindo quais sujeitos desejáveis ou não em cada contexto relacional. O que, ao invés de reduzir os campos de visão e análise os alargam.

A compreensão de que o universo das baterias de escola de samba é “machista” ou “conservador” parece balizar as perspectivas/expectativas a respeito da homossexualidade masculina que são acionadas pelos sujeitos. A visão compartilhada de que nesses universos a diferença entre os gêneros é percebida majoritariamente de forma hierarquizada pelos integrantes de bateria é um argumento dos ritmistas homossexuais para, em determinados contextos, constituírem suas identidades sexuais em relação de identificação positiva ao que é visto como “universo feminino”. Ou seja, um importante marcador das diferenças entre modos de construir e vivenciar a homossexualidade em baterias parece estar relacionado à percepção de que esses ambientes são “conservadores”.

¹³Leandro de Oliveira traz situações relacionáveis às propostas de Fry para a compreensão da homossexualidade no Brasil. Estudando as interações em uma casa noturna da periferia da cidade do Rio, Oliveira chama a atenção para um conjunto de “discursos e práticas regulatórias” do jogo erótico nesses contextos e conclui que: “Do ponto de vista da análise, os sujeitos que participam no mercado erótico não antecedem a troca, mas são constituídos pela troca [...]”. (op. cit. p.142). Ou seja, tanto “homens de verdade” quanto “bichas” são feitos nas interações daquele ambiente levando em consideração uma série de fatores (vestimentas, gestuais, vocabulários e outros). Os sujeitos são, assim, concretizados e atualizados a todo o tempo nas interações. O diagnóstico de Oliveira a respeito da existência de uma prescrição regulatória que valoriza o intercuro entre sujeitos de gêneros contrastantes vai de encontro à proposta de Fry para a compreensão da homossexualidade a partir do sistema hierárquico.

Sendo assim, a percepção de que as baterias de escolas de samba são ambientes machistas parece evocar modos específicos de construção da identidade homossexual. Essa percepção de “machismo” mais generalizado decorre, para eles, do fato de as mulheres serem encontradas quase exclusivamente num único instrumento (que, por sua vez, é visto como o “menos importante” do conjunto musical). Mas esta perspectiva mais ‘sistemática’ e ‘modelar’ (que de certa forma pode dar a ideia de que as mulheres e os homossexuais “existam” naquelas posições) não existe sem a percepção de que os próprios corpos femininos são feitos em relação aos instrumentos musicais elaborando conexões entre corpos, desejos, práticas, gêneros e hierarquias. Os corpos masculinos são feitos fortes, ativos e tocadores de determinados instrumentos enquanto corpos femininos são feitos frágeis, passivos e tocadores de chocalhos. Dito de outra forma, não é somente a percepção de que as mulheres tocam um instrumento visto como menos importante que ‘leva’ os homossexuais à sua companhia, mas é a própria construção de corpos mais masculinos e mais femininos, inteligíveis ou não que está imbricada aos instrumentos e às relações que estabelecem. A construção do gênero feminino de forma hierarquizada em relação ao masculino incluindo os instrumentos musicais como fundamentais na construção dessas corporalidades “mais fortes”, “mais responsáveis” e “mais adequadas” é acionada como motivo prevaemente para que os homossexuais ocupem os mesmos espaços que as mulheres. Os status variados dos instrumentos são relacionados ao que muitos formulam como uma “invisibilidade” do chocalho, propícia à presença homossexual.

Não sem razão, no entanto, essa constante performance geradora de efeitos de substância (entendidos aqui como os corpos humanos) é aberta à permanente ruptura ou ressignificação. Os desenvolvimentos mais recentes de estudos a respeito das identidades sexuais (hegemônicas ou não) trazem o anseio e a necessidade de se compreender cada vez mais acuradamente os diferentes marcadores envolvidos na produção das inteligibilidades. Já neste sentido as propostas de Fry e Guimarães chamavam a atenção para a pluralidade de concepções e experiências homossexuais no país ressaltando a importância dos contextos relacionais (ou seja, de marcadores de diferença como classe, raça/cor e geração, por exemplo) para a compreensão dos modelos acionados.

Os universos das baterias de escolas de samba são particularmente férteis nesse sentido por serem constituídos por uma grande pluralidade de sujeitos sociais. É fundamentalmente o modo como os sujeitos entendem as situações nas quais interagem que fará com que construam a realidade à sua volta. De acordo com Fry, o surgimento do modelo igualitário de homossexualidade “está relacionado com toda uma transformação social das classes médias e altas das grandes metrópoles do país” (FRY, 1982, p.95) de modo que a compreensão da homossexualidade a partir dessa matriz de inteligibilidade está vinculada a certos ideais e valores de classe e geração. Essa percepção de que este modelo de homossexualidade “reverbera” mais ou menos de acordo com o contexto de interação é encontrada entre os ritmistas. A resposta de Renato, por exemplo, evoca uma elaboração a respeito da conexão entre o que chama de “movimento gay” e a difusão de uma percepção igualitária da homossexualidade.

De uns anos pra cá acho que virou uma coisa natural você sair na rua e ver um casal de homens se beijando, de mão dada. Eu acho que tá tudo ligado. Eu acho que as escolas de samba ficaram mais acessíveis às pessoas pelos meios de comunicação. [...] Os meios de comunicação contribuíram muito para pessoas novas entrarem na

bateria [...] e o movimento gay¹⁴ que cresce na sociedade acompanha essa chegada, entendeu? E aí eles acham seu espaço ali, especialmente no chocalho e no tamborim também porque são instrumentos que não estão muito ligados à comunidade em si, ao morro em si, são instrumentos individuais. Apesar de eu achar que o chocalho é um instrumento mais individualista, acho que o tamborim também é um instrumento que cada um tem o seu, eu posso chegar em qualquer escola e tocar, eu tenho o meu instrumento e não preciso do aval da comunidade. Acho que isso tudo tá relacionado, todos esses movimentos estão relacionados. (Renato, ritmista de chocalho)

Mais do que isso, a fala de Renato revela a compreensão de que certo tipo de homossexualidade (relacionada ao “movimento gay”) seria agora mais visível em baterias de escolas de samba. O que se está a anunciar não é a chegada dos homossexuais às baterias, mas sim a visibilização de certa identidade homossexual – vista como ligada aos desenvolvimentos dos meios de comunicação, à maior “acessibilidade” das escolas de samba a outros segmentos sociais e aos desdobramentos sociais do que caracteriza como “movimento gay”. Certamente este tipo de leitura deve ser analisado levando em consideração a posição do pesquisador, afinal, é tendo em mente os diferentes marcadores e sua interseccionalidade que podemos caracterizar as equações feitas para garantir inteligibilidade às experiências nas interações¹⁵.

A compreensão, por exemplo, de que homossexuais masculinos possam manter relações entre si não está ausente nesses universos, pelo contrário. Há um entendimento compartilhado de que homossexuais também podem ter relacionamentos com outros homossexuais sem produzir desajustes, o que atesta a premissa de que as identidades sexuais sejam construídas inteligível ou ininteligivelmente de acordo com as relações que os sujeitos estabelecem. Pensando exclusivamente sob a lógica do modelo hierárquico seria improvável ou indesejável que bichas se relacionassem, como explica Fry: “[...] as relações sexuais verdadeiramente desviantes de acordo com esse sistema de classificação são as que ocorrem entre pessoas que desempenham o mesmo papel de gênero, isto é, entre uma ‘bicha’ e outra ou entre um ‘homem’ e outro”. (p. 90). Não se trata, no entanto, de pensar as identidades sexuais como modelos estanques variavelmente acionados, mas de compreendê-las como permanentemente em formação e, portanto, tendo suas garantias lógicas relacional e contextualmente estabelecidas.

As diversas piadas contadas entre os ritmistas de chocalho que sugerem desconfiança a respeito da masculinidade dos chamados “homens que fazem” (homens que mantêm relações sexuais com bichas) revelam como as identidades sexuais são contextuais, pois, novamente, pensando sob um modelo rígido de identidade hierárquica a masculinidade dos que desempenham o papel de ativo no intercuro sexual não poderia ser questionada. Ela seria, ao contrário, valorizada. No entanto, o que se deve levar a sério nessas aparentes incongruências é o fato de estar nos chamando atenção para o caráter conjuntural das identidades e dos sujeitos. Como Fry observa, são raras as áreas onde os modelos encontram suas

¹⁴Note-se que o vocabulário usado pelo entrevistado muda ao se referir a esse processo de mudança social caracterizado como “movimento gay”. Termos como “bicha” e “viado” são substituídos por “gay” e “homem”. É possível encarar isso como forma de expressar a consciência de que, ao falar de “igualdade” e “movimento gay”, se quer comunicar outro rol de valores que não aqueles ligados à ideia de “bicha” ou “viado”.

¹⁵É fundamental entender que, naquele contexto, o entrevistado sabia que estava formulando suas respostas a outro ritmista, de tamborim. Sua resposta sobre a homossexualidade “ligada ao movimento gay” deve ser interpretada levando em consideração as construções de identidades (sexuais ou de classe) ligadas a instrumentos musicais.

expressões totais e eles tendem a coexistir podendo “ser invocados situacionalmente pelo mesmo ator social” (op. cit. P.105). Isto significa que apesar de construir conceitualmente modelos sob os quais a homossexualidade seria pensada/vivenciada no contexto nacional, Fry estava preocupado em ressaltar o caráter relacional das identidades. Mais do que isso, ao postular a situacionalidade de acionamento dos valores aportados logicamente num ou noutro modelo ele está, de fato, rompendo com uma percepção analítica estanque das identidades sexuais, pois, como reforçam Carrara e Simões, “o propósito de Fry não pode deixar de ser lido senão nesse contexto de valorização da ambiguidade, de crítica ao essencialismo e de profunda suspeita quanto ao impacto social dos sistemas dualistas de classificação” (CARRARA & SIMÕES, 2007, p. 74).

Outro importante marcador de diferenças nas baterias é o instrumento tocado pelo ritmista, pois, como procurei ressaltar, ele é fundamental nas construções dos sujeitos nesses contextos. A própria percepção de que algumas alas de instrumentos são “mais democráticas” (como a ala de tamborins) e outras mais “fechadas” ou “machistas” (como a chamada “cozinha”) aponta para o caráter situacional das produções das identidades sexuais. Dito de outra forma, as inteligibilidades de suas identidades sexuais são construídas em relação a esses corpos-instrumentos “democráticos” e aos corpos-instrumentos “machistas” e “conservadores”. Quando, por exemplo, um mesmo ritmista de chocalho diz, respondendo à pergunta: “Porque você acha que os homossexuais tocam chocalho?”, que seu instrumento é caracteristicamente feminino por mobilizar movimentos da “punheta” e, num tom de brincadeira, “desconfia” da masculinidade dos “homens que fazem” dizendo: “Mas a gente sabe do que esses caras gostam, não é?” ele está evidenciando esses dois modos de construção das identidades sexuais. Mais do que isso, ao me inserir no comentário sobre o “verdadeiro desejo” dos “homens que fazem” ele está demonstrando como sua identidade pode ser produzida na interação dependendo da leitura desse contexto¹⁶.

Atrelada a diferenças entre instrumentos do conjunto musical existe a formação de outro tipo de fronteira relevante para as interações e formação das identidades homossexuais em baterias. O relato de alguns entrevistados nos chama a atenção para marcadores sociais de diferença de classe na (con) formação nas identidades e corpos nesses contextos. Percepções de que certos instrumentos de “maior responsabilidade” seriam mais ligados à “comunidade”¹⁷ estão conectadas a certas ideias de classe e certos valores. Na fala de Fernando (ritmista de chocalho) é possível entrever a associação feita entre os instrumentos musicais, classes sociais, hierarquias entre os instrumentos e percepções sobre “conservadorismo” e “igualdade”:

A galera que chegou nova, de classe média alta, foi tudo pras peças médias, foi tudo pro chocalho e tamborim. Isso me faz pensar que a questão principal é a responsabilidade. É a tal coisa, o chocalho tem desenho, aí você aprende o desenho e acabou. Então se você memorizar pode aparecer só um dia. Agora a marcação são os caras

¹⁶Referindo-se a um ponto de vista generalizado ele conecta homossexualidade masculina ao “feminino” e ao chocalho, e, referindo-se ao “nosso ponto de vista” – “[...] a gente sabe [...]” –, ele desconecta a homossexualidade masculina do “feminino”, dizendo que os “homens que fazem” são homossexuais como ele (ou como eu).

¹⁷Esse termo é usado nos contextos de escolas de samba para se referir à comunidade original de uma agremiação, geralmente um ou mais bairros de periferia ou (no caso de agremiações vistas como de lugares “mais nobres” da cidade) na referência a um “morro” ou “favela”. É um tipo de coletividade geralmente visto como a “essência” de uma agremiação, as pessoas que “fazem a escola acontecer”.

que desenvolvem as bossas¹⁸, são os caras que estão muito presentes na bateria, entendeu? Não vai ser o mauricinho que vai aparecer lá todos os dias e ficar fazendo bossa. Acho que a questão da responsabilidade pesa mais, tem peças que exigem mais responsabilidade. Marcação principalmente porque é o centro, acontece tudo em volta da marcação. (Fernando, ritmista de chocalho).

Seguindo a explicação de Fernando, é como se os instrumentos ou “peças” vistos como mais importantes tivessem sido guardados sob a tutela daqueles que antes já faziam parte das baterias enquanto a “galera nova” vista como de “classe média alta” foi sendo alocada em instrumentos de “menor responsabilidade” e que exigissem uma presença menos constante dos ritmistas nos ensaios visto que “você aprende o desenho e acabou”, “você pode aparecer só um dia”. Não obstante, a construção das identidades dos sujeitos nesses contextos também se relaciona com as percepções a respeito das classes sociais e dos instrumentos, já que alguns deles são vistos como “de classe média alta” e, portanto, mais relacionados a valores como “igualdade” e “liberdade” ao contrário de alas de instrumentos percebidas como “conservadoras” e “machistas”.

A percepção dos ritmistas de chocalho de que certas identidades homossexuais estão ligadas a ideais de classes sociais corrobora as observações feitas por estudos como os de Fry e Guimarães sobre as diferentes construções de homossexualidades no Brasil. A interpretação de Fernando citada acima chama a atenção para a relação entre percepções de classes sociais e instrumentos nas baterias, segundo a qual certos tipos de instrumentos seriam tocados por indivíduos de determinadas camadas sociais. Como Fry procurou ressaltar, a construção das identidades homossexuais baseadas em valores como “igualdade” está relacionada a processos mais gerais de expansão das classes médias urbanas. Desejo enfatizar aqui a compreensão compartilhada pelos homossexuais ritmistas de chocalho de que certas visões sobre a homossexualidade estão vinculadas a sujeitos-instrumentos-classes específicos. É neste sentido que a ideia de classe também se apresenta como diferença relevante na construção das identidades homossexuais nestes contextos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe de tentar dar conta dos processos de construção das identidades sexuais em baterias esse artigo é antes uma proposta de compreendê-los a partir de algumas sugestões. Embarcando na compreensão da identidade como processo pelo qual as multiplicidades são significadas como coerentes e estáveis (BRAH, 2006) é fundamental perceber como essas inteligibilidades são erigidas relacionamente, ou seja, que marcadores são acionados nessas construções contextuais. Estes ritmistas elaboram suas identidades e seus corpos em relação a certos parâmetros. Um deles é a compreensão geral de que

¹⁸“Bossas” ou “paradinhas” são movimentos musicais diferenciados do ritmo comum desenvolvido por uma bateria. Esses movimentos são geralmente considerados as partes mais “inovadoras” nas baterias e há uma grande expectativa geral tanto do público quanto dos ritmistas em torno desses movimentos musicais. O próprio processo de elaboração das bossas é, para os ritmistas, um fator que revela as hierarquias entre os diferentes instrumentos. Nesses processos, por exemplo, chocalhos e cuícas são vistos como coadjuvantes ou pouco importantes ao passo que as “marcações” ou surdos, repiques e caixas são vistos como essenciais.

o ambiente da bateria é “conservador” e, portanto, frente a ele seria preciso estabelecer fronteiras e identificações que construíssem a homossexualidade em proximidade com o gênero feminino e sob a ideia de um corpo frágil, menos habilidoso ou menos forte. Essa relatividade da construção fica evidente quando, entre eles (e, portanto, em relação a outros contextos), estabelecem outras fronteiras e constroem seus corpos-identidades enfatizando a igualdade, no modelo de Fry. Outro elemento que deve ser levado em consideração no processo de “ser” homossexual em baterias está relacionado ao instrumento tocado pelos ritmistas. As identidades são diferencialmente construídas em relação aos corpos-instrumentos com os quais se interage. A ideia de que certos instrumentos são tocados por pessoas de origens sociais diferentes informa o processo de construção das corporalidades. Ou seja, a percepção por parte dos homossexuais de que alguns instrumentos são tocados por pessoas mais “conservadoras” (“de comunidade”) e outros por pessoas mais “liberais” (“de classe média-alta”) é incorporada nos modos como fazem contextualmente seus copos e suas identidades sexuais. Em relação a certas pessoas-instrumentos esses ritmistas *se fazem* homossexuais enfatizando uma proximidade com o gênero feminino (quando, por exemplo, dizem estar se inserindo no contexto geral “conservador” da bateria ou em diálogo com pessoas-instrumentos-classes “machistas”) e frente a outras a homossexualidade é concebida marcando uma distância em relação ao gênero feminino e enfatizando igualdade (quando acreditam se dirigir a pessoas-instrumentos-classes “menos conservadores” e outros homossexuais).

A construção das identidades homossexuais nesses ambientes dependerá, portanto, dos modos como os ritmistas interpretam as relações nas quais estão engajados. Este jogo de diferenças leva em conta considerações sobre classes sociais e valores como “igualdade”/“liberdade” e “conservadorismo”/“machismo” imbricados aos diferentes instrumentos que fazem parte do conjunto. Acredito ser, portanto, possível e rentável compreender a construção das identidades sexuais nesses universos seguindo algumas propostas de caracterização da homossexualidade no Brasil (FRY, 1982 e GUIMARÃES, 2004) aliando a elas perspectivas (tributárias desses estudos anteriores) que revelam a importância de diferentes marcadores de diferença na construção das identidades sexuais (BRAZ, 2007 e 2009; FACCHINI, 2009; FRANÇA, 2012 e SIMOES, 2004)¹⁹. Desejei, no entanto, chamar a atenção também para a importância que os instrumentos musicais têm nesses processos. A construção dos sujeitos ligados aos instrumentos musicais faz com que, nesses contextos, os modos de “ser homossexual” dependam de “com qual” ou “em relação a qual” corpo-sujeito-instrumento esta identidade é erigida.

¹⁹Não sem ressaltar, no entanto, que nem sempre essas experiências homoeróticas podem se configurar em identidades homossexuais. As vivências de “homens que fazem”, por exemplo, podem ser consideradas tanto sinais de uma homossexualidade quanto podem ser vistas como práticas homoeróticas de homens heterossexuais. Quero dizer com isso que nem todas as construções de sujeitos serão formuladas a partir de uma ideia de identidade.

REFERÊNCIAS

- BRAZ, Camilo Albuquerque de. Macho versus Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. **Cadernos PAGU: Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU Universidade Estadual de Campinas**, n. 28, p 175-206, 2007.
- _____. Silêncio, Suor e Sexo: subjetividades e diferenças em clubes para homens. In DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira e FIGARI, Carlos Eduardo (Orgs) **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Gramond, 2009.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. In **Cadernos PAGU: Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU Universidade Estadual de Campinas**, n 26, p 329-376, 2006.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.
- CARRARA, Sérgio e SIMÕES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. **Cadernos PAGU: Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU Universidade Estadual de Campinas**, n. 28, p 65-99, 2007.
- DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. **Nas Redes do Sexo: os bastidores do pornô brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. A Sexualidade nas Ciências Sociais: leitura crítica das convenções. In PISCITELLI, Adriana, GREGORI, Maria Filomena e CARRARA, Sérgio. **Sexualidade e Saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Gramond, 2004.
- FACCHINI, Regina. Entrecruzando Diferenças: mulheres e (homo)sexualidades na cidade de São Paulo. In DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira e FIGARI, Carlos Eduardo (Orgs) **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Gramond, 2009.
- FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em Duelo. In **Cadernos PAGU: Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU Universidade Estadual de Campinas**, n 17/18: p 9-79, 2001.
- FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- _____. Na Ponta do pé: quando o black, o samba e o GLS se cruzam em São Paulo. In DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira e FIGARI, Carlos Eduardo (Orgs) **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Gramond, 2009.
- FRY, Peter. **Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GROSZ, Elizabeth. **Corpos reconfigurados**. In **Cadernos PAGU**: Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU Universidade Estadual de Campinas, n 14, p 45-86, 2000.

GRUNVALD, Vitor. **Butler, a abjeção e seu esgotamento**. In DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira e FIGARI, Carlos Eduardo (Orgs) **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Gramond, 2009.

GUIMARÃES, Carmen Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Gramond, 2004.

KULICK, Don. **Travesti. Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008.

LOPES, Paulo Victor Leite. **Sexualidade e construção de si em uma favela carioca**: pertencimentos, identidades, movimentos. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/ UFRJ, Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Leandro de. **Diversidade Sexual e trocas no mercado erótico: gênero interação e subjetividade em uma boate na periferia do Rio de Janeiro**. In DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira e FIGARI, Carlos Eduardo (Orgs) **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Gramond, 2009.

ORTNER, Sherry B. **Is Female to Male as Nature Is to Culture?** In ORTNER, Sherry. **Making Gender: The Politics and Erotics of Culture**. Boston: Beacon Press, 1996.

PISCITELLI, Adriana: **Exotismos em confronto? corporalidade, gênero e nacionalidade no marco da indústria transnacional do sexo**. In **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol 22, n° 64, pp. 17-33, 2007.

RIOTUR, Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro S.A. **Memória do Carnaval**. Rio de Janeiro: Oficina do Livro, 1991.

SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, pp. 71-99, 1995.

SIMÕES, Júlio Assis. **Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais**. In PISCITELLI, Adriana, GREGORI, Maria Filomena e CARRARA, Sérgio. **Sexualidade e Saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Gramond, 2004.

STRATHERN, Marilyn. **O Gênero da Dádiva: Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Polinésia**. Campinas: Ed. Unicamp, 2006.